

<http://blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao/post/o-que-o-pais-ganha-com-venda-da-eletobras-alem-de-fechar-contas.html>

COLUNA NO GLOBO

## O que o país ganha com a venda da Eletrobras, além de fechar as contas

POR **MÍRIAM LEITÃO** 23/08/2017 06:00

Foi o governo dizer que está pensando em sair da Eletrobras, e as ações subiram 50% num dia. Ainda que caíam um pouco para corrigir exageros, ficou claro que a avaliação geral é de que o Estado é um peso sobre a empresa. A privatização pode representar uma enorme mudança para melhor no setor de energia, e não apenas o caminho de atingir a meta fiscal.

“Temos que refletir sobre essa valorização da ação porque ela mostra como a presença do Estado aumenta a incerteza”, disse Paulo Pedrosa, secretário-executivo do Ministério das Minas Energia.

O setor está no meio de uma mudança de regulação para tentar expurgar todo o modelo desordenado e intervencionista criado pela MP 579. Não era bom antes, mas piorou bastante espalhando prejuízos e irracionalidades. Na semana passada, foi encerrada a fase de consulta pública e agora os técnicos do Ministério se dedicariam a redigir a MP do novo marco para setembro. Com a decisão de privatizar a Eletrobras, a prioridade passou a ser a MP que vai preparar a empresa para a venda. Mas o secretário-executivo do MME diz que a proposta do novo marco será feita e tem boa base para o trabalho:

— A qualidade do material que recebemos é excelente. Foram consultadas cinco universidades, recebemos estudos muito bons que nos permitem trabalhar.

Entre as correções a fazer no sistema está o que eles chamam de GSS. Por esse fator de escala de geração, as hidrelétricas, quando há risco hidrológico, são obrigadas a gerar menos e contratar a energia das térmicas para entregar:

— Por exemplo, se elas venderam energia a R\$ 160, têm que comprar a R\$ 500 para entregar e isso está destruindo a receita das hidrelétricas — explica Pedrosa.

O diretor-executivo do Instituto Acende Brasil, Eduardo Müller Monteiro, compara o desempenho da Eletrobras com o da Engie Brasil, empresa originada da privatização em 1998 da Eletrosul, que era subsidiária da estatal. A Eletrobras acumulou prejuízo de R\$ 27,4 bilhões entre 2012 e 2016, enquanto a Engie lucrou R\$ 7,3 bi. Olhando apenas para o ano passado, a Eletrobras, com receita de R\$ 60 bilhões, lucrou R\$ 3,5 bi. A Engie com R\$ 6 bi de receitas teve lucro R\$ 1,5 bi. A Eletrobras tem 23 mil trabalhadores, a Engie opera com 1,1 mil. No final de junho, enquanto o valor de mercado da estatal era de R\$ 18 bilhões, o da empresa privada chegava a R\$ 22 bi:

— Em 2016, a Eletrobras gerou uma receita de R\$ 2,64 milhões por empregado, enquanto a Engie gerou R\$ 5,82 milhões. Em valor de mercado, a distância aumenta: R\$ 780 mil por empregado (Eletrobras) contra R\$ 20 milhões por empregado (Engie).

Contas assim começaram a ser feitas ontem, para calcular quanto a empresa tem a ganhar quando houver um sistema de governança que impeça a indicação de diretores por políticos, a interferência do governo, as regras limitadoras das estatais.

— Veja que mesmo com o Wilson (Ferreira) lá, o mercado ainda acha o Estado um risco. O Estado é como um leão na sala de visitas. O leão pode estar quieto, mas há sempre o risco de que ele ataque — compara Paulo Pedrosa.

***(Com Alvaro Gribel, de São Paulo)***